

O DESGOSTO DE EMÍLIA

Patrícia Portela

Sabe porque se diz que o Santo Amaro é o padroeiro dos pernetas? Ora, Estremoz, aqui ao lado, era o quartel-general daqui desta zona. Desde 1400 saíam dali soldados para todas as guerras e, conta a lenda, que os soldados que passassem por aqui primeiro, por Santo Amaro, antes de partirem para a frente de combate, nunca morreriam.

Rezava o ditado que quem se banhasse na Ribeira de Santo Amaro depois de tirar as sortes, fazia a festa no verão! E assim era! Banhavam-se à noite, na ribeira, punham ao pescoço o lenço que as namoradas lhe bordavam e cantavam toda a noite antes de partirem!

Em Santo Amaro nunca morreu um único soldado. Regressaram todos. Nem uma baixa!

Nem uma! Nem mesmo o José, rapaz nascido num dos montes ali ao pé e que, durante décadas, andou desaparecido!

Banhou-se, como todos os outros, na ribeira, mas não recebeu o lenço porque ainda não namorava Emília. José partiu deixando o seu chapéu na cadeirinha da comprometida na Rua Velha, entre a Aldeia dos Telheiros e de Santo Amaro, sem saber se a família da amada aceitara o seu pedido de namoro.

Emília, que nunca se despedira de José, guardava na memória a imagem daquele amor que ainda não se tinha consumado e passava os dias a coser o seu enxoval, sentada naquela cadeira onde ficara o seu chapéu, imaginando os dois a envelhecer, caminhando, dia após dia, pela Rua Velha até à Ponte Nova, e a partilhar o aborrecimento, as dores, as alegrias regulares da vida. Mais não desejava. Mas José não parecia regressar, mesmo depois de todos os seus companheiros terem voltado. Emília começou a duvidar da bênção de Santo Amaro, blasfémia inaceitável num lugar onde toda a gente tinha um familiar na guerra mas sabia não temer a sua sorte, tal era a confiança de que nunca morreria.

Os soldados poderiam regressar desmembrados, com traumas ou dores lancinantes, mas nunca mortos.

Emília esperou um ano. Dois anos. Três anos. Quatro. Cinco. Seis. Todos os anos caíava de novo a sua casa no dia em que José partira. Assistiu ao fim da guerra e ainda assim continuou a esperar apesar da dúvida. Até ao dia em que, rendida pela falta de calor humano na rotina, e pelas contas dos anos que a matemática lá lhe ia ensinando sobre a vida, se casou com o seu patrão. Cosia-lhe as meias. Arranjava-lhe o farnel. Cuidava das suas doenças e das suas ansiedades. E continuava só, mas com menos espaço para a desesperança. Até o dia em que reencontrou José, numa rua em Sousel, décadas e uma vida inteira depois. José tinha voltado, mas não para ela. José não tinha morrido, e sorriu-lhe, lembrando-se vagamente de um dia a ter conhecido, mal se recordando do seu nome.

Emília regressou a casa destroçada. Duvidara de um Santo que cumprira o seu milagre.

Emília não merecia viver.

Nessa mesma noite, depois de se banhar na ribeira, estendeu a roupa da criança que nunca teve, insultando a lua cheia. Chorou e amaldiçoou a sua sorte. Pediu perdão aos santos pela sua descrença. Matou-se com veneno para ratos.

Diz quem viu e não se aproximou, que o estrebuchar do seu fim, assustaria o próprio demónio.

No dia seguinte, não havia vestígios do seu corpo, mas naquele lugar brota ainda uma fonte da qual ninguém bebe, sob pena de engolir o desgosto de Emília e de cometer pecados semelhantes com a sua sorte.